

## **A SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS POR MEIO DE JOGOS COOPERATIVOS: UMA ALTERNATIVA PARA LIDAR COM A DIFERENÇA**

Ms. Felipe Guaraciaba Formoso <sup>1</sup>  
Drº Bruno Gawryszewski <sup>2</sup>  
Cristiane da Costa Machado<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela UFRJ e professor da SME e SEEDUC no Rio de Janeiro

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela UFRJ e professor da mesma Universidade.

<sup>3</sup> Licenciada em Educação Física pela UFRJ

*Correspondência para:* [felipeguaraciaba@yahoo.com.br](mailto:felipeguaraciaba@yahoo.com.br)

*Submetido em 27 de junho de 2018.*

*Primeira decisão editorial em 25 de setembro de 2018.*

*Aceito em 22 de novembro de 2018*

**Resumo:** A escola é comumente considerada a instituição responsável pelo progresso do aluno. Logo, é encarregada de norteá-lo para o convívio coletivo, por meio de relações grupais dentro e fora da escola. Este ensaio busca contemplar os Jogos Cooperativos como uma estratégia pedagógica nas aulas de Educação Física para que os alunos se socializem de forma lúdica, repensando assim o individualismo, a homogeneização e padronização de atividades, a competição e a agressão física. Desta maneira, poderiam assim dedicar maior atenção para a inclusão, interação, diversão e o respeito às diferenças tais como habilidades, condição física e gênero. Apesar dos jogos cooperativos não serem as únicas formas de superar o confronto nas atividades, é importante que esta prática continue sendo ministrada nas aulas para contribuir com o desenvolvimento de valores socioculturais e o despertar do senso crítico para a não exacerbação da competição.

**Palavras-chave:** Jogos Cooperativos; Socialização; Criança; Diferença.

## **THE SOCIALIZATION OF CHILDREN BY COOPERATIVE GAMES: AN ALTERNATIVE TO DEAL WITH THE DIFFERENCE**

**Abstract:** The school is usually considered the institution responsible for student progress. Therefore, it is charged with guiding him to the collectivity, through group relations in and out of school. The present study seeks to contemplate the Cooperative Games as a pedagogical strategy in Physical Education classes so that the students socialize in a playful way,

rethinking the individualism, homogenization and standardization of activities, competition and physical aggression. They could be more attentive to inclusion, interaction, fun and respect for differences such as abilities, physical condition and gender. Although the Cooperative Games are not the only ways to overcome the confrontation in the activities, it is important that this practice continues to be taught in classes to contribute to the development of socio-cultural values and the awakening of the critical sense to the non-exacerbation of the competition.

**Keywords:** Cooperative Games; Socialization; Child; Difference

## **Introdução**

Comumente a infância é associada a adjetivações como felicidade, inocência, fragilidade, dentre outras características. No entanto, não se pode conceituar o que é infância sem destacar onde a mesma está inserida, analisando o contexto sócio-histórico-cultural do qual a criança faz parte, as pessoas com as quais se relaciona e que participam do seu desenvolvimento.

Sem dúvida, a família e a escola representam importante veículo de socialização para a criança, na medida em que contribuem para que se torne membro de uma sociedade e compreenda suas normas. “A socialização cria as qualidades que nos tornam plenamente humanos. Temos potencial para ação humana ao nascer, mas adquirimos a linguagem, o ‘eu’, a mente e a consciência quando nos tornamos socializados” (CHARON, 2001, p.29). A partir daí, o indivíduo desenvolve o autocontrole, a capacidade de cooperar e interagir se tornando um sujeito social.

Uma das maneiras de trabalhar esses aspectos é por meio de jogos que, de forma cooperativa, permitam oferecer às crianças atividades que unam cooperação, criatividade, habilidades sociais, participação, na tentativa de oferecer uma proposta que possa subverter a lógica de práticas, conceitos e valores competitivos. Tais valores citados foram muito proeminentes na Educação Física por meio de tendências pedagógicas como a Militarista e a Esportivista e tornou a disciplina um espaço de exclusão do outro/a para afirmar a competição e a aptidão física (DARIDO e RANGEL, 2005; NEIRA, 2011).

De acordo com Brotto (2006), a visão competitiva da Educação Física pode ser transformada. Conforme o autor, a metodologia dos Jogos Cooperativos surge como uma possibilidade na disciplina de estimular valores como o respeito e a solidariedade. Nessa perspectiva, o individualismo e o confronto, caracterizados no paradigma da competição, dão

Formoso, Gawryszewski & Machado; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.14, n.2, p.138-151, Jul\ Dez 2018

lugar às “habilidades de relacionamento cooperativo (colaborar, respeitar, interessar-se pelo outro, perseverar, empatia, confiança etc.)” (BROTTO, 2006, p.104). Espera-se que a prática de jogos cooperativos como forma de socialização ajude a fomentar outra visão de mundo, que nos permita um olhar mais solidário para as diferenças culturais de habilidade, condição física, idade, gênero, entre outros marcadores sociais (CANDAUI, 2008; 2016), além do modo sobre como se relacionar consigo, solucionando conflitos e aprendendo com as próprias singularidades.

O objetivo deste estudo é discutir, por meio de estudo de ensaio teórico, os argumentos que relacionam a prática dos Jogos Cooperativos com processos de socialização infantil na Educação Física e que ofereçam possibilidades de lidar com as diferenças culturais.

Tal estudo se justifica pelos jogos cooperativos se apresentarem atualmente como prática pedagógica recorrente na Educação Física Escolar e no processo de socialização de crianças (BROTTO, 2006; SOLER, 2006).

Para além da prática recorrente, estes jogos nos permitem alternativas epistemológicas conceituais, atitudinais e procedimentais que constroem e reconstróem os conteúdos hegemônicos e homogeneizantes tais como os esportes de rendimento e o modelo calistênico de ginástica. Esta constatação precisa estar acompanhada suficientemente de pesquisas que abordem e subsidiem os docentes que se apropriam desta prática.

### **Socialização enquanto processo**

A socialização é um processo que envolve uma relação entre o indivíduo e a sociedade (BELLONI, 2007; BOUVIER, 2005; FREIRE, 1980; PIAGET, 1994), indispensável para o desenvolvimento da vida humana. No entanto, a ótica da socialização vem se modificando, apresentando uma multifatorialidade na qual indivíduo e sociedade não mais dão conta de sua complexidade. Neste sentido, a ideia de cultura e interação entre diferentes sujeitos, sejam eles individuais ou coletivos, ramificam e descentralizam o processo de socialização. Para Bouvier (2005, p.392):

Não se deve mais tomá-la em seu sentido clássico, na esteira de Durkheim (1922): ‘Processo de assimilação dos indivíduos aos grupos sociais’, mas numa perspectiva interacionista que salienta a dinâmica das interações na aquisição de know-hows e insiste no vínculo entre conhecimento de si e conhecimento do outro, construção de si e construção do outro. Essa concepção nos leva muito longe do uso banalizado da palavra “socialização”, que costuma designar de modo aproximado a capacidade de cada um a integrar-se na vida coletiva [...]

Freire (1980, p.33) afirma que os indivíduos “quanto mais refletirem de maneira crítica sobre sua existência, e mais atuarem sobre ela, serão mais homens”. Portanto, trata-se de um processo contínuo de socialização que nunca se dá por terminado, realizando-se através da comunicação, que se inicia pela "imitação" e vai se tornando um ser cada vez mais sociável.

Começando pela família, os agentes sociais são de grande importância no processo de socialização da criança. A partir daí, aprende-se a obedecer a regras de convivência, a lidar com a diferença e a diversidade (PIAGET, 1994). Nesse sentido, entende-se que a socialização da criança sofre influência de diferentes culturas, formando identidades abertas e em constantes mudanças, próprias dos processos de hibridização cultural (CANDAUI, 2008). Diante disto, ela passa a atuar em espaços públicos e/ou particulares com outros agentes de socialização como os meios de comunicação, os professores, as outras crianças da escola, dentre outros.

Percebe-se então que a interação entre os indivíduos e seu espaço sociocultural é o princípio para o processo de socialização (perspectiva interacionista). Tal processo é uma construção sempre inacabada (OLIVEIRA, 2010). Ao analisar grandes pesquisadores da perspectiva interacionista, Felipe (2001) destaca que Piaget, Vigotsky e Wallon mostraram a importância do meio para o desenvolvimento da criança.

Piaget, Vigotsky e Wallon tentaram mostrar que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio. As teorias sociointeracionistas concebem, portanto, o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão à sua volta. Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a auto-estima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. A articulação entre os diferentes níveis de desenvolvimento (motor, afetivo e cognitivo) não se dá de forma isolada, mas sim de forma simultânea e integrada (FELIPE, 2001, p.27).

O espaço escolar é um ambiente propício para a aprendizagem de regras, valores e outros ensinamentos consensuais, porém não rígidos e universalistas. Desta maneira, a escola aparece como um instrumento programado destes ensinamentos.

A educação da criança pode acontecer essencialmente de duas maneiras. Na educação sistemática, a aprendizagem progride de maneira idealizada, programada para atender objetivos planejados. É ministrada por instituições formais como a escola. Por outro lado, a educação assistemática aparece como elemento informal e desencadeia espontaneamente

Formoso, Gawryszewski & Machado; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.14, n.2, p.138-151, Jul\ Dez 2018 dentro do ambiente familiar, sociocultural conduzindo o indivíduo no seu propósito (OLIVEIRA, 2010).

A socialização de crianças por meio de jogos cooperativos deverá acontecer em um contexto programado ou sistemático. E, este contexto o qual nos referimos e referendamos neste trabalho, é a escola. No entanto, jogos cooperativos, uma vez internalizados no universo sociocultural, pode ser uma fonte assistemática de socialização de crianças, orientando-as para lidar melhor com a diversidade cultural.

### **Jogos Cooperativos como estratégia metodológica**

O jogo pode ser visto de várias perspectivas diferentes, tendo como característica o ato de brincar, de divertir. Porém, também significa trabalho sério, pois tem o poder de transformar valores, normas e atitudes. Para Huizinga (2007, p.24):

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.

O autor vê a natureza do jogo e do lúdico como parte do conhecimento de cunho sagrado e o discernimento dos modos de jogo e seriedade, tendo, por conseguinte, originado o que denominamos como civilização:

Podemos concluir que originariamente o enigma era um jogo sagrado, e por isso se encontrava para além de toda distinção possível entre o jogo e a seriedade. Eram ambas as coisas ao mesmo tempo: um elemento ritualístico da mais alta importância, sem deixar de ser essencialmente um jogo. À medida que a civilização vai evoluindo, o enigma bifurca-se em dois sentidos diferentes: de um lado a filosofia mística e de outro, o simples divertimento. Mas não devemos pensar que nesta evolução se tenha verificado uma decadência da seriedade, passando a ser jogo, ou uma elevação do jogo até o nível da seriedade. Pelo contrário, o que se passa é que a civilização vai gradualmente fazendo surgir uma certa divisão entre dois modos da vida espiritual, aos quais chamamos "jogo" e "seriedade", e que originariamente constituía um meio espiritual contínuo, do qual surgiu a própria civilização. (HUIZINGA, 2007,p.83)

O jogo é um instrumento motivacional, o que raramente se observa na escola é a utilização desse instrumento para finalidades que possam transcender a sua mera utilização formal, que não as reduzam ou que não as encerrem no aspecto motor (FREIRE, 1991;

Formoso, Gawryszewski & Machado; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.14, n.2, p.138-151, Jul\ Dez 2018 BRASIL, 1997). Para isto, urge-se pensar estratégias que aproveitem este caráter motivacional associando-o a aspectos relacionais, tais como a solidariedade e o respeito às diferenças.

Os primeiros indícios de jogos cooperativos se expressaram há milhares de anos quando membros das comunidades tribais se uniam para celebrar a vida, através da dança, do jogo e outros rituais. No entanto, foi a partir da década de 1950, com a preocupação da competição exacerbada, que os jogos cooperativos ressurgiram de forma sistemática por Ted Lentz, que desenvolveu estudos sobre o assunto (BROTTO, 2006).

Outro pioneiro foi Terry Orlick, autor que publicou em 1978 o livro “Vencendo a competição”, trazendo uma aproximação do assunto e servindo de orientação para futuros trabalhos. Segundo o autor, o florescimento dos jogos cooperativos se deu em regiões remotas do ártico canadense e do povo aborígine de Papua Nova Guiné (SILVA et. al; 2012). É nesse contexto que tais jogos refundam uma nova forma de ludicidade, superando o viés tradicional da competição e encontrando formas mais humanizadas na relação entre corpo e movimento.

No Brasil, a partir de 1980, o principal precursor sobre jogos cooperativos é o professor Fábio Otuzi Brotto, que contou com ajuda de colaboradores para disseminar o tema no país. Brotto publicou em 1995 o livro “Jogos Cooperativos – se o importante é competir, fundamental é cooperar” servindo como fonte de pesquisas para a Educação Física Escolar. O referido autor sugere uma mudança nos jogos a fim de deixar sua prática com uma visão menos competitiva, buscando uma transformação através da cooperação. Segundo Brotto (2006, p.20):

Viver em sociedade é um exercício de solidariedade e cooperação destinado a gerar estados de bem-estar para todos, em níveis cada vez mais ampliados e complexos. Sendo um exercício, carece da com-vivência consciente de atitudes, valores e significados compatíveis com essa aspiração de felicidade interdependente.

Os Jogos Cooperativos são jogos onde os participantes jogam uns com os outros, ao invés de uns contra os outros. Joga-se para se superar desafios e não para derrotar os outros. São jogos em que o esforço cooperativo é necessário para se atingir um objetivo comum e não para fins mutuamente exclusivos. Estão estruturados a fim de diminuir a pressão para competir, a ocorrência de comportamentos destrutivos e visam promover a interação e a participação de todos deixando aflorar a espontaneidade e alegria de jogar.

Estes jogos se tornam importantes por suas características tais como: libertação da competição, da eliminação, agressão física e também promover a inclusão, interação,

Formoso, Gawryszewski & Machado; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.14, n.2, p.138-151, Jul\ Dez 2018

confiança mútua, solidariedade com aqueles/as que detêm uma menor habilidade, condição física, melhor interação entre meninos e meninas, podendo ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física Escolar (BROTTO, 2006; CORREIA, 2006). Através dessa perspectiva, a criança poderá levar suas experiências adquiridas durante as aulas para além dos muros da escola. Ou seja, a importância dos jogos como parte do contexto educacional considera o tipo de educação e sociedade que queremos.

Competição e cooperação são processos de interação com suas particularidades, mas não se opõem, podendo ser praticados de forma conjunta sabendo “que tanto cooperação quanto competição são comportamentos ensinados – aprendidos através das diversas formas de relacionamento humano” (SOLER, 2006, p.20). De acordo com Brotto (2006, p.27):

Cooperação é um processo onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os resultados são benéficos para todos. Competição é um processo onde os objetivos são mutuamente exclusivos, as ações são individualistas e somente alguns se beneficiam dos resultados.

Darido e Rangel (2005) afirmam que a competição não deve ser vista de forma apenas negativa, e que seja inserida nas aulas onde o professor auxilie no fazer, aborde e explique o conteúdo para que os alunos compreendam que não é necessário desconsiderar as regras de um jogo ou sequer se utilizar de agressão como resposta para os conflitos.

De igual modo, os jogos cooperativos não devem ser utilizados como forma de evitar eventuais conflitos que surjam no ambiente pedagógico, muito menos com a pretensão de silenciar vozes historicamente excluídas e marginalizadas nas práticas corporais competitivas. Pode ser também uma alternativa para lidar com o conflito, possibilitando a proposição de ideias e sugestões práticas para enfrentá-lo.

Soler (2006) acredita que explorar o jogo cooperativo ajude a amenizar as adversidades, utilizando-o como um exercício de convivência e afirma que competir e cooperar são interações cabíveis de agir e ser na sociedade. Brown *apud* Soler (2006, p.24) orienta que:

A interação cooperativa com os outros é necessária para o desenvolvimento da auto-estima, da confiança e da identidade pessoal, que são elementos importantes para o bem-estar psicológico. Se o jogo tem presentes os valores de solidariedade e cooperação, começamos a descobrir a capacidade que cada um de nós tem para sugerir idéias.

Para o autor supracitado, é necessário proporcionar a utilização do jogo cooperativo para trabalhar com a diferença que separa um indivíduo de outro, não se deixando levar “pelo mito de que o ser humano é competitivo por natureza” (BROWN *apud* SOLER, 2006, p.26), pois é o contexto sociocultural o qual somos inseridos que nos aponta o caminho a ser seguido.

Para ilustrar este caminho, Darido e Souza Junior (2008) indicam duas possibilidades para a atividade da “dança das cadeiras”, uma prática historicamente vivenciada na cultura brasileira. Tradicionalmente, esta atividade é praticada da seguinte maneira: colocam-se as cadeiras no centro da brincadeira com um número inferior ao quantitativo de participantes. Ou seja, se a atividade possui dez integrantes, o número de cadeiras deverá ter, no máximo, nove. Inclui-se uma música e quem não conseguir sentar quando o som for interrompido é excluído da brincadeira. E assim, sucessivamente, até que haja um vencedor. De outro modo, a prática cooperativa desta atividade pode ser vivenciada da seguinte forma: a disposição de cadeiras e de participantes segue o mesmo formato da anterior. No entanto, quando a música parar de tocar, todos deverão sentar nas cadeiras sem que haja ninguém excluído da atividade. A brincadeira termina quando se retira o maior número de cadeiras e os sujeitos envolvidos não conseguem mais se organizar de forma a que todos se acomodem sobre as mesmas.

Nota-se no primeiro caso, na dança da cadeira tradicional, que ~~o produto ou~~ o resultado é o objetivo prioritário da atividade. O importante é competir com os outros e ter um vencedor. Nesta situação, a depender de como a atividade for conduzida, os fins poderiam justificar os meios. Podem ser utilizados como meios para alcançar o resultado: a agressividade, a “malandragem”, a masculinidade e a condição física em detrimento ao companheirismo. É muito comum neste tipo de brincadeira os meninos utilizarem de sua força física e de sua agressividade para obter sucesso na atividade. Não muito diferente, estratégias como deslocar a cadeira para próximo de si, empurrar o colega e sentar na cadeira antes da interrupção do som, fazem parte do modelo tradicional do ganhar a qualquer custo.

No segundo caso, na “dança de cadeira cooperativa”, o processo ganha destaque. Aqui, os meios utilizados têm como finalidade a preservação de valores humanos como o respeito às diferenças, a solidariedade e a não exclusão. O produto final é o sucesso coletivo em detrimento ao sucesso individual ou de uma minoria. Porém, observamos que o responsável por ambas as formas de atividade pode se utilizar mecanismos para problematizar eventuais conflitos e favorecer a inclusão. No caso da dança da cadeira cooperativa, pode-se questionar junto aos alunos o porquê não se lograr a mesma solidariedade na prática competitiva. Qual o



objetivo dos indivíduos dotados de condição física diferenciada, apropriarem-se de tal condição para obter sucesso? O sucesso no jogo é o sucesso na vida individual e coletiva?

Ainda que não seja objeto de estudo desse trabalho, reforçamos que a competição é, da mesma maneira, uma possibilidade pedagógica, desde que, problematizada, para que não se naturalizem ou neguem as relações de poder desiguais e excludentes imanentes da busca pelo resultado nas atividades com este enfoque.

### **Os Jogos Cooperativos na escola**

Motivada pelo esporte de rendimento, a Educação Física se sustentou por muito tempo no paradigma da competição e da aptidão física. Lovisolo *apud* Correia (2006, p.29) reconhece que “o esporte não pode ser negado à escola nem aos alunos, porque é representante e componente da nossa cultura, e com ele, a competição”.

Entretanto, baseado em referências citadas até aqui (BROTTO, 2006; CORREIA, 2006; DARIDO E RANGEL, 2005; SILVA et. al, 2012; SOLER, 2006), pensamos que a socialização de crianças não deve estar restrita ao paradigma da competição. Neste sentido, os Jogos Cooperativos oferecem subsídios capazes de orientar e ampliar a prática docente na Educação Física Escolar. No que diz Soler (2006, p.46):

Educação Física não pode servir para separar, não podemos mais compactuar com pessoas que, a título de formar atletas, dividem, separam e excluem todos os que são diferentes, lembrando que esses são os que mais precisam do professor e da atividade proposta.

Os Jogos Cooperativos têm servido como um caminho para a promoção de valores e atitudes humanas que propiciam o bem-estar pessoal e coletivo, ao promover a participação, inclusão, realização de objetivos comuns, diversão, a harmonização dos conflitos e das diferenças culturais e a cooperação. A Educação Física pode discutir e desconstruir valores humanos enraizados socialmente. Para alguns autores clássicos no campo da disciplina (COLETIVO DE AUTORES, 1992; BRACHT, 1997) esta deve questionar sobre os valores produtivistas e competitivos da ideologia capitalista. De outro modo, Brotto (2006) sugere a criação de uma “ética cooperativa”.

A partir desta “ética”, sugere-se algumas possibilidades de estimulá-las na Educação Física Escolar. Assim, apresentaremos dois exemplos concretos de atividades cooperativas:

Exemplo 1: Vôlei Infinito – é uma atividade promovendo o respeito e a confiança mútua, a combinação de ritmos pessoais e a coordenação para chegar ao objetivo comum que é realizar, com a bola, o maior número de lançamentos consecutivos.

Inicia-se como se fosse o jogo de voleibol tradicional, entretanto o objetivo agora é realizar o maior número de passes possível sobre a rede, dentro de um tempo estimado pelo professor. Variações:

Dependendo do grupo, permitir que a bola toque uma vez no chão;

Para grupos mais experientes, pode-se utilizar mais que uma bola ao mesmo tempo. Para dificultar mais, pode também inserir bolas de tamanhos diferentes;

Realizar inversões, por exemplo: aquele que lançar a bola para o lado oposto da quadra troca de lado também (Adaptado de BROTTTO, 2006).

Ampliando a atividade, sugerimos que ao final deste jogo se faça uma roda de conversa objetivando a reflexão crítica e a tentativa de ressignificar o modelo hegemônico do voleibol. Para alcançar este objetivo, sugere-se a historicização do voleibol como um esporte inicialmente identificado e mais praticado pelo sexo feminino no Brasil e que hoje é praticado por todas as pessoas (DARIDO E SOUZA JÚNIOR, 2008). A partir daí, pode-se discutir se foi preciso dominar alguma técnica específica para a participação na atividade. Foi somente um espaço para os mais habilidosos? Como podemos transformar esta atividade mantendo seu caráter inclusivo?

Exemplo 2: Tartaruga Cooperativa – Com uma grande chapa de plástico ou papelão todos os participantes deverão ficar na posição de quatro cobertos pelo objeto. O objetivo é atingir o ponto de chegada sem deixar a chapa cair.

Variações:

O professor poderá construir uma pista com obstáculos e o objetivo passa a ser atravessar a pista sem que a chapa caia (Adaptado de SOLER, 2006).

Posteriormente, pode-se fazer uma roda de conversa com o intuito de relatar como foi a experiência. Adotar estratégias, tais como: valorizar o estilo próprio de cada um em conseguir realizar a tarefa, revelando que não existe um padrão de movimento único a seguir; permitir que alunos e alunas relatem algum tipo de discriminação (gênero, idade, condição física, habilidade) que tenham sofrido por não conseguirem realizar uma tarefa nas aulas de Educação Física, problematizando realidades que muitas vezes são silenciadas no bojo das práticas corporais; construir coletivamente o “contrato da ética cooperativa”, no qual

Formoso, Gawryszewski & Machado; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.14, n.2, p.138-151, Jul\ Dez 2018  
contenha a importância da solidariedade e o combate a todas as formas de preconceito e discriminação. Tal contrato pode ser fixado em murais ou até mesmo no espaço em que se realizam as práticas corporais.

Essas são algumas maneiras de utilizar na prática os jogos cooperativos na escola. Dentro dessa perspectiva, o docente pode criar alternativas outras, além das sugeridas, a fim de estimular o encontro em detrimento do confronto nas atividades ou promover o encontro problematizando o confronto. Isto não significa negar a competição, que poderá estar dentro dos próprios jogos aqui referidos. A proposta dos Jogos Cooperativos na atualidade pode contribuir no desenvolvimento de valores éticos que se entrecruzem com o relacionamento afetivo-social do ser humano. Tais valores devem ser identificados/percebidos e, se necessário, reconstruídos pelo aluno e pelo professor durante as atividades, tornando-se um instrumento de preparação do indivíduo para as demandas do tempo presente e servindo de contraponto aos já conhecidos métodos competitivos da cultura moderna/ocidental.

Dessa maneira, permite-se uma nova forma de intervenção pedagógica buscando estabelecer no lúdico uma menor ênfase nas habilidades motoras, no sucesso de poucos talentos e na exposição do fracasso (BALIULEVICIUS & MACÁRIO, 2006). Paralelamente, espera-se que os Jogos Cooperativos possam estimular vivências, aumentar a satisfação de um maior número de participantes que até então eram indiretamente reprimidos pelo receio de suas limitações.

A mudança do comportamento do discente nas aulas de Educação Física por meio dos jogos cooperativos será orientada por quatro princípios norteadores: participação, inclusão, diversão e cooperação. Estes princípios fundantes serão determinantes no ensino-aprendizagem dos alunos no que se refere à ética cooperativa (BROTTO, 2006).

### **Considerações Finais**

Baseados nas discussões expostas neste trabalho, compreendemos que os Jogos Cooperativos podem ser utilizados em todos os ciclos de escolarização da criança. Estes jogos são instrumentos preciosos para o trabalho lúdico na Educação Física Escolar, pois permitem a superação de paradigmas tradicionais na disciplina como a competição exacerbada, o individualismo, a homogeneização e a aptidão física. Os jogos cooperativos pretendem contemplar o próximo, perceber e refletir sobre nossos instintos individuais, e agir para um bem coletivo oferecendo alternativas para a socialização de crianças.

Por meio destes jogos, pode-se discutir a exclusão de indivíduos e grupos historicamente inferiorizados, o egoísmo, a padronização das atividades, o foco no resultado, as possibilidades de transformação das atividades, dar voz a identidades silenciadas, além da ressignificação dos jogos cooperativos como uma possibilidade a qual não se reduza a evitar o conflito. Com essa iniciativa, é possível vivenciar novas experiências de como pensar e agir na sociedade, transformando-a de forma inovadora. Atentarmos com criticidade para os processos de discriminação oriundo das práticas corporais os quais negam o outro/a em busca de um melhor desempenho, pode ser um caminho inovador para uma melhor relação entre os diferentes grupos sociais que permeiam o ambiente pedagógico. A diferença deve ser tratada como uma riqueza que favoreça processos sistemáticos de comunicação entre diferentes sujeitos (CANDAUI, 2016).

Brotto (2006, p.3) entende que “é preciso resgatar nosso potencial para viver juntos, e realizar objetivos comuns. Necessitamos aperfeiçoar nossas habilidades de relacionamento e aprender a viver uns com os outros, ao invés de uns contra os outros.”.

Os Jogos Cooperativos não são as únicas possibilidades de solucionar divergências que encontramos no ambiente escolar ou na sociedade. Não tentamos aqui revogar todo alicerce pedagógico e estrutural concebido na Educação Física e na cultura moderna/ocidental, muito menos negar os avanços que a disciplina já logrou nas últimas décadas. Também reconhecemos outros intervenientes sociais como a família, a qual exerce influência significativa no processo de socialização.

Entretanto, utilizar-se dos Jogos Cooperativos nas aulas serve como um instrumento de grande valia para a discussão de conceitos e valores perpetuados na sociedade fazendo-se parte construtiva de uma educação plural e uma proposta educacional mais humana.

## REFERÊNCIAS

- BALIULEVICIUS, N.L.P.; MACÁRIO, N.M. Jogos cooperativos e valores humanos: perspectiva de transformação pelo lúdico. **Fitness & Performance Journal**, v. 5, nº 1, p. 48 - 54, 2006 Disponível em: <<http://132.248.9.34/hevila/Fitnessperformancejournal/2006/vol5/no1/6.pdf>> Acesso em: 02 de novembro 2017
- BELLONI, M.L. Infância, Mídias e Educação: revistando o conceito de socialização. **Perspectiva**, Florianópolis, V.25, n.1, 56-82, Jan./Jun. 2007.
- BOUVIER, S. M. Transformação Dos Modos de Socialização das Crianças: Uma Abordagem Sociológica. **Educação e Sociedade**., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 391-403, Maio/Ago. 2005

Formoso, Gawryszewski & Machado; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.14, n.2, p.138-151, Jul\ Dez 2018

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRASIL / Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física / Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BROTTO, F.O. **Jogos Cooperativos: O jogo e o Esporte como um Exercício de Convivência**. Santos, SP: Cooperação, 2006.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v.13, n. 37, p. 45-56, Jan/abril 2008.

CANDAU, V. M. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de pesquisa**, v.46, n.161 p 802-820 Jul/set 2016.

CHARON, J. M. **Sociologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CORREIA, M. M. **Trabalhando com Jogos Cooperativos**. Campinas, SP: Papirus, 2006

DARIDO, S.C., RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005

DARIDO, S.C., SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para Ensinar Educação Física: Possibilidades de Intervenção na Escola** 2. ed Campinas, SP: Papirus 2008.

FELIPE, J. O Desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In:CRAIDY, C. M., KAERCHER, G. E. P. S. **Educação Infantil: Pra que te quero?**Porto Alegre: Artmed, 2001

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação – Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação Física progressista**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**, 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007

NEIRA, M. G. Teorias pós-críticas da educação: subsídios para o debate curricular da Educação Física. **Dialogia**, São Paulo, n.14, p. 195-206, 2011.

OLIVEIRA, Z.M.R. **Educação Infantil: fundamentos e métodos** 5ed.São Paulo: Cortez, 2010

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Tradução Elzon L. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994.

SILVA, J. K. F., DOHMS, F. C., CRUZ, L. M., TIMOSSI, L. S. JOGOS COOPERATIVOS contribuição na escola como meio socializador entre crianças do ensino fundamental.

Formoso, Gawryszewski & Machado; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.14, n.2, p.138-151, Jul\ Dez 2018

**Motrivivência**, Ano XXIV, N° 39, P. 195-205 Dez./2012 Disponível em:  
<[https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2012v24n39\\_p195/23405](https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2012v24n39_p195/23405)>. Acesso em 16 Outubro 2017.

SOLER, R. **Jogos Cooperativos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2006